



REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

DIRECTORES:

PEDRO MONIZ E JULIO OLYMPIO

Só a Arte Immortalisa

ANNO I

CEARÁ, 2 DE ABRIL DE 1895

NUM. 1

IRACEMA

CEARÁ, 2 de Abril de 1895

O titulo escolhido pelo «Centro Litterario» para servir-lhe de senha no templo augusto da imprensa apenas significa um preito de homenagem a um dos mais fortes esteios do grande edificio da litteratura nacional.

Iracema é uma das criações mais bellas e originaes de Alencar.

Um dia o grande genio francez agoitado pelo temporal da revolução disse a seu amigo Maloherbes que ia errar no seio das florestas virgens do Novo-Mundo e lá escrever—*a epopéa do homem da natureza*.

Não foi tão feliz como o desejo que alimentava aquelle espirito superior e fecundo.

Obrigado a um exilio doloroso, vendo sua familia desaparecer nas ardentias sanguinarias d'aquella enorme commoção social—foi no silencio profundo e solemne do bosque americano, com o coração esmagado pela clava do infortunio—conceber o poema selvagem de *Atala*—um appendice dos *Natchez*.

Não sei onde haja mais genio e inspiração, si na obra de Chateaubriand, si na criação de Alencar escrevendo o *Iracema*, um poema indiano—*gemma preciosa, rutila e brilhante*.

Acho entretanto o poema do genio cearense superior n'um ponto ao do grande viajor francez.

Em suas paginas bebe-se como

gottas adamantinas de orvalho em corollas multicores, mais cor local, mais naturalidade e esplendor poetico do que nos *Natchez*.

Chateaubriand é inferior a Alencar quando nos descreve a scena de Chactas desvairado nas savanas em busca do tumulo de Atala ou sentado sobre o rochedo de Veillé vendo passar as sombras da bella indiana e de Aubry nos vapores que surgem do crepusculo nas margens dos lagos serenos e melancolicos

Apezar da riqueza de imagens e do colorido que ha no estylo do autor do *genio do christianismo*, sinto mais commoção, sinto que tenho mais nervos, quando leio a pagina descriptiva em que Alencar pinta a morena tabajara, de labios de mel, nas vespervas de ver o fructo de seu amor, sentada n'um comoro de areia, osculado pelos albores de uma madrugada de rosas, a interrogar com seus grandes olhos castanhos o azul traidor das ondas sobre cujas comas espumosas passou, como a aza de uma gaivota, o barco que levou para—o desconhecido—aquelle ente mysterioso que ella sente nas fibras de seu coração como a outra metade de sua alma...

Justificado o titulo é natural dizermos mais algumas palavras sobre o nosso apparecimento na liza incruenta da imprensa.

Unidos pelo mesmo pensamento batalhamos por um ideal unico—o aperfeçoamento do espirito no cam-

po da litteratura em busca da arte o do bello.

Qual o mensageiro das nossas emoções, do nosso sentir, da nossa concepção—sinão este vehiculo mysterioso—a imprensa—revoada de passaros que leva por toda parte o ramo de oliveira e a semente fecunda do pensamento humano.

Assim, pois, o nosso despretencioso apparecimento entre os combatentes, nas luctas da intelligência, quer dizer mais uma parcella no grande numero dos que se esgrimem pela civilização e pela Patria.

JOSE' LINO.

«IRACEMA»

Vamos justificar a razão porque preferimos o titulo acima para o nosso jornal.

A alguns dos nossos patricios parecerá elle in proprio, a outros futil talvez, em vista do adiutamento do Centro Litterario; mas a estes como aquelles responderemos simplesmente, que assim procedemos de accordo com o nosso programma.

Antes de tudo convem dizer que nenhum conhecemos nós mais doce, mais melodioso, que traduza mais cabalmente a feição da terra cearense.

Estamos em epocha de rehabilitações.

Quando simples colonos, o governo da metropoli mandava impor-

51-2118

BIblioteca Nacional do Brasil

BIblioteca Nacional SLA

nos os seus nomes antiqua lós com a exclusão dos de origem brasileira, e prohibia terminantemente que os filhos do paiz falassem a sua propria lingua.

Assim, a Palpina mandou-se chamar Mecejann, a Porangaba, Arronches, a Calcana, Soure, a Ibinpaba, Villa Viçosa, a Miranda, Crato, a Baturité, Montemor—o novo, etc.

Seria, pois, de muita justiça que se tratasse de reivindicar para essas e outras localidades o direito a seus primitivos nomes.

O nosso territorio outr'ora era conhecido por «Paiz de Jaguaribe», e a primeira povoação foi denominada Ceará pelos Potyguaris, que achando-a semelhante a outra no Rio Grande do Norte, sua patria, por saudades della, lhe deram o mesmo nome.

Era preciso que passasse elle a toda capitania, e em seu lugar ficasse o de Forte ou Força, que mais tarde mudado em Fortaleza, significasse o jugo de ferro que por mais de seculo piso sobre os cearenses.

Todos conhecem a historia do governo dos capitães-móres.

Até a epocha da independencia, e mesmo mais adiante, nossos avós não tinham vontade, nem direitos, nem voto, nem privilegio algum, senão o das patentes de ordenanças para mais subservientemente servirem a El-Rei Nosso Senhor.

Por felicidade nossa os tempos são outros.

Temos hoje uma patria livre, e todos trabalham para o seu engrandecimento, buscando reparar os crimes do passado.

Resta agora que ao nome de Fortaleza, que lembra ainda o dominio ferrenho da prepotencia e arrogancia de governadores imbecis, seja substituido pelo de Iracema, a formosa cearense, prototypo da dedicacão, da lealdade e do amor de patria.

Este nome dulcissimo, melodioso e affagado de quantos conhecem as tradições do Estado, recordará, não os gemidos dos que soffreram nos carcerees do forte, não o sangue dos victimados á sombra dos agentes de Sua Magestade, mas uma idéa de progresso, de adiantamento; uma lenda mimosa entrecida com os fulgores de um grande genio cearense; a representação palpitante da formosura allia ta á energia, do affecto allia do á abnegação, da coragem allia do á constancia, do esforço allia do á perseverança, que disputa a lembrança da formosa heroina.

Não basta que os mais distinctos escriptores do sul e do norte, quer em jornaes, quer em livros, denominem esta bella capital a «terra de Iracema», convem que seja realisa da quanto antes esta aspiração nacional.

Como aos representantes do povo cearense, na proxima reunião do Congresso, nós a mocidade, os homens d'amanha, os legitimos representantes do futuro, despertam-

do-lhes o patriotismo e o amor á patria, havemos tambem de juntar nossa supplica a dos que podem pela transmutação de um para esta foiosissima capital, eis por que escolhemos o mesmo nome para o nosso jornal, no campo de accção, e vamos trabalhar com a convicção de que havemos de triumphar.

Antonio Bezerra.

NO LEITO DE MORTE

(CONFISSÃO)

Fale.

«Eu fui o assassino cruel da honra de um pobre homem que nunca me fez mal, de um pobre homem de bem que vivia modesto e honradamente na obscuridade de sua posição social, mas infeliz sem o saber, porque não tinha, na sua individualidade physica e espiritual, os predicados exigidos pela grande compleição artistica de sua esplendida mulher, desse demonio de carne de fogo e sorriso de anjo, que me enloideceu e fez de mim o assassino moral de seu honrado marido, o ladrão de minha propria dignidade, um bandido investido contra mim mesmo.

Luctámos numa batalha renhida de attracções e repulões, ella luctando contra mim, com a força de seu grande amor e o poder de sua extraordinaria formosura, eu luctando contra mim mesmo, com a fraqueza de minha vontade indecisa, para livral-a da vertigem de cair nos meus braços, onde desejava tel-a eternamente.

Cai como um roble colossal na sua lucta terrivel de corações em que se perde á luz dos olhos, vacilla a consciencia, e o cérebro morre.

Venceu-na como se vence um heroe, victoriosamente.

Vencido, perdida a consciencia de mim mesmo, atirei-me em seus braços, como se me atirasse no inferno para salvar-me; apertei-a, numa angustia cruel de desespero e de raiva, para matal-a, porque me tinha vencido, a mim que não queria amar nunca, que odiava o amor. Desci a mais profundo das miserias humanas e subi á pureza do... amor.

Amavamo-nos com a grandesa e o descuido dos puros corações virgínes. O nosso amor era um fundo mar sem fundo, sem algas e sem lodo, um oceano azul sem praias e sem horisontes sem ondas nem vagas. E tinha-me seguro e firme no pedestal crystallino deste amor fatal, extraordinario, quando a cadeia magica e candente de seus braços arrastou-me, de subito, ao delirioso inferno de prostituição. Foi uma queda enorme, porque caí do alto supremo de minha dignidade e de meu orgulho.

Os sentimentos virtuosos fugiam-

me do peito como passaros imigrantes, a proporção que o violento amor ardente que esta mulher inspirou-me, avassalava-os; o orgulho só, como um demonio, sustentava-me ainda contra os embates terriveis de seus olhos de fogo, contra as supplicas ternissimas de seus labios de mel, abrin lo-se na vermelha flor de um beijo que me offercia.

Chegou o momento em que não pude mais luctar contra mim por ella e accetei aquella offerta. Queimou-me aquelle beijo primeiro...

Minha vida tinha sido serena como o espirito de um santo, calma como a fé, tranquillada como a innocencia, firme como a esperanza; eu, porém não amava; mas hoje que tenho dentro do peito, grande, immenso, o sentimento da vida, sinto que minha existencia tem todas as tempestades que convulsionam o espirito humano, os pavorosos assombros dos criminosos, os desfallecimentos dos cobardes e as baixezas dos traidores.

Ergui-me, fui homem deante della, caí, fui um miseravel deante de mim.

Menti, enganei a todos, enganei a mim, só não enganei a ella, porque amei-a com toda a grandesa de meu coração, com todas as baixezas que me dominavam a alma, com todas as fortes tentações de minha carne.

Sim... Essa mulher fez-me o primeiro de todos os homens—na felicidade de ter-lhe possuido inteiramente o corpo perfeito e esculptural, a alma amante de artista, o primeiro na pratica de todas as baixezas de que me fez capaz.

Nunca mais esqueci-a, nem esqueci nunca este passado de que vivi. E é por isto que ainda hoje quando a vejo curvada sob o peso dos annos, com a neve da velhice na cabeça, enrugada, tremula, olhos fundos e mortos, admiro-me de ter amado tanto uma cousa tão hedionda hoje, e tenho impetos selvagens de beijar aquella bocca emmurhecida e fria que ainda tem a semelhança de uma rosa que perdeu a vida e não tem mais perfume....»

E o velho, fechando os olhos, esboçou o gesto de um beijo angustioso e frio e morreu beijando a imagem de seu amor adorado.

PEDRO MONIZ.

POETAS NOVOS

XAVIER DE CARVALHO

(Fructos Selvagens.)

Conheci Xavier de Carvalho, o anno passado, na Fortaleza, quando motivos de molestia obrigaram-no a vir ás plagas cearenses, atraído pelo clima.

Vê-lo e conversal-o, foi o mesmo que reconhecê-lo, logo a primeira vez, poeta de fina tempera, formada

do oiro mais puro do sentimento e esmaltada pelo clarão irradiante das ideias.

Foi n'uma das avenidas do Passeio Publico que travamos conversas, n'uma confidencia de intimos, como a de dois seres que de muito se communicam e de longe se comprehendem.

Nas palavras de Xavier de Carvalho havia tantos arroubos de mocidade, tantos êstos de paixão, tantos êlans de esperança que por vezes estremecia não sei si de pasmo, si de alegria insoffregos, a minha organização de sceptico, cheio de saudades e de nostalgias, como sou.

Debalde procurei acompanhá-lhe os vôos, debalde, em boa hora o digo, porque Xavier, é mais moço do que eu: o pegaso da minha phantasia teve muitas vezes de encolher as asas, não tanto com medo dos algaros e declives, quanto tomado de espanto d'aquelle mundo de sonho, afuzilando chimeras—relampago, brilho incomparavel.

Tal é o poeta cujas estrophes eu releio com verdadeira delicia, n'uma constante alternativa de arroubo e enthusiasmo, febris, a medida que as paginas sonoras dos *Fructos Selvagens* vão passando ante os meus olhos anciosos e insoffregos.

Ha, actualmente, neste tragico fim de seculo bafejado de todos os lados pelas bombardas e pelos canhões de accesas pugnas, de grandes combates, de povos contra povos, de irmãos, contra irmãos, uma outra grande effervescencia que parece igual, sinão muito superior à primeira, si bem que menos ostensiva e menos estrondosa.

No mundo das ideias e dos sentimentos a guerra é tão encarnicada e mortifera como no mundo da pólvora e do ferro fundido.

Todo um estendal de theorias, litterarias umas, scientificas outras, estas poeticas, aquellas romanticas, aquell'outras politicas ou sociaes, engolfinham-se no dominio do livro e da imprensa, no velho e no novo mundo, disputando umas ás outras o primeiro passo no caminho do triumpho e da gloria.

Não sei bem qual d'ellas seja a preferivel, qual d'ellas esteja na *ponta* como se diz na linguagem pictoresca da epocha.

O que afirmo para mim é que nenhuma tem perante o meu espirito o cunho de uma verdade incontestavel. Ao contrario todas ellas affiguram-se me verdadeiros balões de ensaios, bandeirolas atiradas ao vento em procura de quem em tornos d'ellas faça côro á apothecose de especuladores.

O sentimento, quando transborda, não admitte theorias, o *genio não conhece regras*, a arte não tem limites, o talento não tem péas.

Um poeta pode ser parnasiano, decadista, romantico, ao mesmo tempo, sem que perca alguma vez a sua faculdade dominante, a força sensoria, o plexo, a *cerca* com que elle exprime em linguagem solta ou rimada, em prosa desenvolta

ou em versos mal metrificadas, as ideias do seu espirito, os movimentos do seu coração.

Ser simplesmente parnasiano como Leconte de Lisle é circunscrever os vôos de um grande genio, original e altivo, a um recanto de arte, que se pode representar muitas vezes por uma ridicula rêde de esmaltes.

Ser simplesmente romantico como Lamartine é desprezar os doiramentos rutilos, os esplendores tambem de uma forma algumas vezes deslumbrante sublime, para converter o estro n'uma caudal de lagrimas muitas vezes insipidas.

Para mim o ecletismo é tão superior em litteratura como em philosophia.

E embora diga-se que levanto uma theoria ao mesmo tempo que combato todas as theorias, o ecletismo é a synthese do que ha de verdadeiro e sincero em todas as theorias, e, si ecletismo quer dizer escolha, a selecção das ideias, e dos sentimentos ao lado da selecção da forma, é o principio mais bello de uma synthese ideal.

Os dois melhores poetas portuguezes que eu conheço são ecleticos.

Guerra Junqueiro tem as cantilenas langorosas do *D. João* e tem as estrophes rutilas dos *Simples*; Gonçalves Crespo tem as balladas plangentes das *Miniaturas* e tem os blocos cinzelados e pallidos dos *Nocturnos*.

Estas considerações me suggeriu a leitura dos *Fructos Selvagens*, cujo auctor não quiz filiar-se a nenhuma escola, no que andou muito bem avisado, revelou em relação á poesia um modo de entender que parece original actualmente, se bem que seja para mim o mais natural e verdadeiro.

ALVES LIMA.

(Continúa)

Ninho deserto

(A RODRIGUES DE CARVALHO)

Que acervo de saudades lhe esmagará em cheio o coração, ao ver de novo, por entre a verde folhagem, a casinha branca, onde ella vivêra na plenitude de uma felicidade que não se descreve.

Viêra-lhe um desejo ardente, invencivel de tornar a ver, uma vez ao menos, os logares em que rira tanto, em que cantára os idyllios da amorosa paixão que a prendêra ao eleito de sua alma. A dôr tem as suas voluptuosidades, amargos deleites que se expandem em lagrimas, em soluços dilacerantes. Entrára. O jasmineiro á cuja sombra ouvira a primeira confissão de amor que elle lhe fizêra emmurehecêra de todo. Nem um botãozinho perdido, nem um vago perfume que lembrasse a esplendida primavera de outr'ora!

Tudo abandonado e inculto!

Parasitas invadiam o pequeno recinto, onde existira o jardim que ella cultivára com solicitude apaixonada, porque elle adorava as flores, irmãs de suas faces e de seus labios carminados. No interior da casa os mesmos traços de abandono.

Porque em vez dos tons alegres da luz franca que o sol espalhava no quarto fronteiro ao jardim, em vez dos gorgeios que soltavam as aves evadidas dos ninhos, entravam apenas uns tristes raios que, coando-se através das fenestras da janella, espalhavam-se n'uma claridade mortifica de crepusculo hibernal, merencofio e dolente?

Porque ouvia-se apenas o sussurro da brisa agitando lenta as folhas das arvores, como si tivesse perliço a travessura gracil dos bons tempos e parecesse entoar nenias á ventura já morta?

Eno entanto o amor conservára-se puro e accêso no intimo do coração da pobre moça como o fogo de Vesta no templo inviolavel da castidade pagã.

Sentia-o palpitante, a agitar-lhe os nervos, e aquecer-lhe o sangue, dando ao seu organismo impulsos de vitalidade, enthusiasmos de dedicacão altruista e sublime.

Mas ah! De onde provinha aquella tristeza a que se consociavam meiga e fraternalmente as flores, os passaros e a propria luz matinal que outr'ora a banhava fresca e acariciadora aureolando-lhe a mocidade, ora envolta no pesado crepe da dôr?

Sabia que vivêra ali longos dias longas horas, porque tudo lhe falára d'esse passado adoravel, sabia que elle já não existia porque não via mais a seu lado, a ollhava fremente, a sorrir-lhe de quando em quando, a esbraseal-a na loucura dos beijos aquelle perante quem abdicára a vontade, a intelligência, de quem se fizêra escrava submissa, e que agora a deixára só para ir dizer as mesmas palavras, repetir os mesmos protestos á outra que jamais o amaria tão vehementemente.

Eis porque tudo mudára, e a casinha risonha na quadra da ventura, estava agora feita um ninho deserto.

Tudo mudára porque flores, aves, luz e perfumes viviam do reflexo da felicidade que ella conquistara e que se esvaecêra para sempre.

Apenas o amor lá estava ainda a queimar-lhe o coração, a sacudir-lhe as fibras, a levá-la ao Calvario da dôr, firme, inabalavel como o rochedo.

Só elle resistira áquelle acabamento inesperado e a illuminava—pharol de esperança—no mar tempestuoso e incapellado das desillusões e do desespero em que ella naufragara.

F. Clotilde.

1895—Março.

O Caninha Verde

Acostumavamos, todas as tardes, refestelar-nos n'umas velhas cadeiras, no atrio descurado de nossa habitação,—um velho sobradinho amarello parede-meia da estação do trem suburbano que de meia em meia hora corria veloz os zigue-zags do caminho que ia ter á cidade. Discutia-se tudo n'aquelle cenaculo, entre todos, desde os de capacidade intellectual provada até ás mediocridades que devoravam os catalogos das livrarias para despejar no correr das discussões. Os altos problemas de biologia eram postos á luz da critica, firmados pelo testemunho de Letourneau, um sabio muito em voga, que andava na bibliotheca de todos nós.

Discutia-se a vida hominal, ao mesmo tempo que passava-se á vida vegetal, mostrando-se o valor da clorophila das folhas por combinação das duas cores—azul e amarello—que davam o verde nitido e esmeraldo... Uma vez, tarde avançada, o crepusculo emmoldurado já n'uns véos anegados, fallava-se calorosamente sobre as idéas exp'endidas por Binet e Feré a respeito dos phenomenos hypnoticos, quando o trem suburbano, silvando em retirada, movia as rodas como aranha terrivel e ia rolando pelos trilhos areiados, e macios, em rectas estradas em fóra.

De subito ouvimos um truce pesado e duro. Alguem cahia! exclamou um dos companheiros nervosamente afflicto.

Todos de pé, conversação cortada, palavras mudas, refreando a respiração, procuravam um signal de affirmativa de um grupo de homens que demorava á distancia. Adeante, o trem silvava de novo, em repetidos signaes, e parava definitivamente.

Um desastre! não havia duvida. Era preciso acudir, e não nos fizemos esperar. Na primeira curva, um homem embriagado havia tombado no momento de tomar o trem e resvalado pela linha.

O trem pegára-o. O craneo havia sido partido meio a meio, conservando apenas os ligamentos do couro cabelludo pelos cabellos avermelhados do sangue vivo, escarlate, espantante. A omoplata esquerda havia sido partida e o femur da perna esquerda escarnado mostrando o tecido bem formado, ainda bolinte, palpitante...

Os circumstantes penalisavam-se, enquanto um homem, de apparencia distincta a um lado, de violão debaixo do braço, exclamava sentidamente: E iamós nós para a vida! E elle foi só para a morte! Este homem era o Caninha Verde.

Quem não o conhecia nos arredores todos? Bohemio eterno, vivia a beber pelas tavernas, dia e noite, com seu violão debaixo do braço, cantando modinhas, a chalaçar a vida. Tinha um ar distincto, com seu bigode loiro e uns olhos azues, doces e languescidos. Passava noitadas nas serenatas, por noites de luar, horas inteiras recitando os versos de Castro Alves, Hebrêa, de que muito gostava, os versos sentimentaes de

Casimiro de Abren, as rimas apaixonadas de Fagundes Varella, «o doutor Luiz Nicoláo como se expressava», o meu companheiro dessas grandiosas scenas do gozo terreno, que já lá anda pelo reino azul do céu...

—Ainda me lembro de uma vez, de uma serenata, em que pompeei o violão queixoso para que elle recitasse uns versos de improviso, versos que todos sabem hoje de cor.

«Pensava em ti nas horas de tristezas.»

e o pobre do moço chorava como creança, n'um pranto amargo e sentido...

—Mas o meu pobre amigo que agora ia commigo para a vida... coitado! fica ali estendido!

E uma lagrima, espontaneamente farta, borbulhou no lacrymal do Caninha Verde, n'um esguincho rapido, que se foi confundir com o coallho de sangue do cadáver do bebado.

O trem já havia dado marcha e o sibilo longinquo annunciava-o noutra estação.

—Agora já não posso seguir. A lua no alto aclarava serenamente, com sua luz suave, dando reflexos diamantinos nas setinosas folhas dos arvoredos, refractando-se nas vidraças do nosso sobradinho amarello.

O Caninha Verde dirigiu-se á venda da esquina; bebeu a mais não poder e quando de todo vencido pela acção do alcool voltou ao lugar do accidente, preludiou nas cordas do violão, tangeu duas vezes os dedos pesados no bordão de ré, casou o seu som á prima, tocou um preludio sentido, doloroso, ao mesmo tempo que cantou uma poesia triste, muito triste mesmo, compassada nenta de dor e saudade.

Os rapazes, os companheiros das palestras, já não pensavam no caso do morto, quando foram surpreendidos por aquelle extranho sentimento de bohemio vulgar, de olhos azues e suaves, daquille bebado que escorripixára do lacrymal uma lagrima comprida que foi-se perder nos coallhos do sangue avermelhado e que agora tanguia o violão cantando sentidamente algo de sincero e triste, de saudade e pranto.

—Caninha Verde, vem cantar alguma coisa alegre, diziam. O pobre homem em pranto já mal teve tempo de dizer que aquella noite só pertencia ao morto, e se foi, estrada em fóra, tombando aqui e alli, equilibrando-se mais quando a cainçalha dos jardins visinhos fazia avançada nos gradis, e foi se e foi-se, cantando sempre até que ao longe, perdidamente ao longe, ouviamos apenas os sons plangentes do violão sentido. Um amortecimento de coisas tristes desdobrou-se pouco a pouco: a luz do luar cahia suavemente beijando o risco branco dos caminhos. Silencio profundo! quebrado pelo bufar da locomotiva, ao longe, a locomotiva assassina, causa motora de tanta tristeza, que aproximou-se galopando nos trilhos prateados pelo luar...

Rio de Janeiro.

Leonidas e Sá

«Pescadores da Tahyba»

Sem reclames, sem as transcripções prematuras de que são useiros os melhores poetas da terra, é ansiosamente esperado desde muito, este livro de Alvaro Martins.

A natural modestia do auctor e o seu tédio a essa gloria banal que os elgios mutuos tecem em apothese de pycothechia barata ás medio-cridades, teem obstado até agora ás lettras patrias a aquisição d'aquella verdadeira joia litteraria.

Dissuadiu-o, afinal, o «Centro Litterario» convencendo-o de que, através dessa atmosphera nevocenta de lisonja encomendada, existirá irrefragavel o verdadeiro criterio para separar o joio do trigo.

Está em adiantado trabalho de composição o primeiro livro do primeiro poeta cearense.

Quem conhece a fecunda imaginação de Alvaro Martins a c nullar nas mil facetas de suas rimas, tersas, adamantinas, singellas, naturaes e matutivamente harmoniosas, não verá em nossas palavras o juiz suspecto de quem se deixa levar por afeição s amistosias.

Alvaro Martins é, incontestavelmente o melhor, poeta de Iracema; porque, quando a poesia declina torturada pelas imitações, pela pobreza de naturalidade, por uma anémia que se busca curar com as velharias do Oriente, com viagens de recreio sobre as aguas do Nilo, a mirar o céu do Egypto; o poeta cearense, anda alguns kilometros, e sob o céu eternamente azul de sua patria, ouvindo o marulhar queixoso destes mares, eternamente cor de esmeralda, enfeixa n'um punhado de rimas, tropicalmente expansivas, a natureza e os costumes de sua terra—dando-nos os «Pescadores da Tahyba».

Não busque, quem não conhecer o Alvaro, em seu premeto, a estrophe parisiense, caprichosamente vestida com o ultimo decote da moda; não, o seu merito é justamente a auzencia desses atavios, evitado mui propositalmente pela força procreadora de seu talento.

O Alvaro não se occupa pavorosamente a britar um calhão para fingir as arestas de um diamante, nem funde medalhas em latão meticulosamente areiado; as suas joias cahem já feitas, naturalmente polidas como a perola que não se imita.

Damos um excerpto do poema, um resumo da descripção do lugar onde se passão as scenas que fazem o objecto do livro:

«Parahyba»

Parahyba—o lindo povoado,
De pescadores trigueiros,
Dorme feliz, reclinado,
A' sombra de seus coqueiros,
Por sobre as brancas areias
Aonde a lenda Saudosa
Conta que em noite radiosa
Vêm cantar as sereias.

Guarda inditosa memoria
Na capella do lugar
A triste singella historia
Dos que morreram no mar,
Pescadores que se foram
Para nunca mais voltar...

E a capellinha graciosa
Ergue-se branca e ruidosa
No meio do povoado...
E' um gosto vel-a tão pobre,
Tão pobre, mais tão risonha
Como uma noiva que sonha
Co' a noite de seu noivado.

Por entre as ruinas gretadas,
Onde o cardo nasce e medra,
Nos toscos degraus de pedra
Das torrezinhas golpeadas,
Ha ninhos de tentilhões
E frescas vegetações
De flores aveiludadas.

As andorinhas anciosas
Alli por tardes de Agosto,
Adejão, quando o sol posto
Tinge o poente de rosas

Sobre o altar de cantaria
Cravado na pedra tósca,
Aiteia-se em prata fosca
O resplendor de Maria.

Louros risinhos anginhos,
Envoltos em tenue veu,
Sobre nuvens côr de arminhos,
Erguem as azas ao céu.
E a virgem sorri. Parece
Que de seus labios em flor.
Vôa tambem uma prece
A' seio do Creator.

E' alli que nas procellas
Pelas noites de terrores
Vão as mães dos pescadores,
Pelos seus filhos rezar.
E as moças ajoelhadas,
Prezas de immensa agonia,
Pedem a Virgem-Maria
Pelos que andam no mar»

O espaço de uma noticia, embora
a mais agradável, não permite que
sejamos mais prolixos. O leitor tira-
rá em breve as provas de nossas pa-
lavras, para desfastio seu, inferno
aos invejosos e gloria d'esta terra.

VISITA AO LAR

(A MEU PAI)

Percorro os largos campos onde outrora
Criança então, pastoneava o gado
E uma saudade dentro dalma chora,
Uma saudade amargo do passado.

Já não conheço os velhos espinheiros
A cuja sombra amiga eu me embalava,
Quando no estio o sol pelos outeiros
O *panasco* ondeante purpureava!

A velha casa da *fazenda* erguida
Ao pé da serra que se eleva perto
Tem apparencia estranha de uma ermida
Abandonada em meio de um deserto!

A agua do rio murmurando em baixo
Perdeu o som melodico e argentino.
E' que o rio era apenas um riacho
Pequeno, e eu como elle, ora um menino!

As brancas ovelhinhas cor de neve
Não parecem as mansas ovelhinhas
Que eu *caquejava*, pequenino e leve,
Ao som de estridulantes campainhas!

Meu cão, meu velho companheiro e amigo
Das continuas *caçadas* pelos êrmos,
Perdeu de todo aquelle brilho antigo,
Tem agora a tristeza dos enfermos!

Não cantam mais á beira dos telhados
Os garrulhantes passaros em festa,
Fazem-se ouvir apenas uns magoados
Arrulhos que soluçam na floresta.

Desfez a tempo o branca flôr do riso,
Tudo é tristonho, lugubre, funereo
Da minha infancia o roseo paraizo
Transformou-se num mudo cemiterio

Onde acharei as vivas alegrias
Das madrugadas dos primeiros annos,
Sobre os escombros dessas ruinarias,
Agoitadas dos rudes desenganos?

Hoje meu lar, meu lar feliz de outrora,
Tem a feição de um ninho abandonado,
E ao vel-o assim bem dentro d'alma chora
Uma saudade amarga do passado!...

Themistocles Machado

Clovis Bevilacqua

Este notavel escriptor, accusan-
do ao nosso consocio Rodrigues de
Carvalho o recebimento de seu
poemetto *O Coração*, dirigiu-lhe as
seguintes linhas o illustre Patrio.
Com prazer crescente fui até o
ultimo verso fazendo a leitura de
seu poemetto, *O coração*.

E' um livrinho forte pela espon-
taneidade, pela abundancia de sen-
timento, pela nobreza dos concei-
tos. Se algumas incorrecções lhe
escaparam (e são poucas as que
notei) resgatam-nas generosamente
as muitas bellezas derramadas de
extremo a extremo do poema.

Do conterraneo e apreciador.
Clovis Bevilacqua».

Francisco Barboza

O illustrado redactor da «Gazeta»
do Commercio, da Parahyba, que
é um verdadeiro cearense pelo co-
ração acaba de escrever tres peças
dramaticas, de fino espirito, das
quaes destina uma para offerecer ao
«Centro».

O Barboza é maniaco pela come-
riographia; e embora, seja um ramo
da litteratura quasi murcho, o nosso
illustre consocio tira sempre optimo
partido, a julgar pelo successo ob-
tido pelas suas peças.

Que nos munda «os netos».

LEMBRETES

S CÇÃO DA POSTA-REstante

O *espirituoso* chronista do «Pão» systematico rival do *Chamber Son*, talvez para levar a palma ao seu antagonista, diz fallando do carnaval: «Sim, o chronista (M. J.) teve a tentação de afivelar uma mascara e adherir ao grupo dos foliões, etc. etc. ... Essa tentação foi sobre tudo desanetada pela *audicção do Zé Pereira*. Confessa, portanto, que quem ouviu foi o symbolico *Zé Pereira*; logo, requiero ao R. Peixoto que seja christado o *Moacyr de Zé Pereira*.

Mystica: conto de Cabral de Alencar (referido «Pão»), tem as seguintes bellezas: «lánguez deslumbriadora do meir-dia», «uma indolencia», «uma ballada», «uma noctalgia», «uma cousa», «como uma»; «ousa»; falla 21 vezes no artigo indefinido. Há quem assegure que elle incluire todos os vocabulos em *um*, *anum*, *aum* *girmun*, *betum*, *Zum*, *Zum*, *t... chi... bum*, e... *f-rtum*.

Dois «padeiros» reunirão-se em *um* e conigiram.

O *Moacyr* (o humorista) foi de parecer que se respeitasse a onomatopéa do besouro, e em vez de *Mystica*, fosse o titulo: «Conto do *mangan-gã*».

R. P. Não podemos aceitar a sua opinião. R. G. B. S. que acaba de sofrer perigosa hemoptysis poetica, é residente n'esta cidade; e não como V. S. ensina, uma nova marca de farinha *espiritual*.

Se elle paga a 2\$00 cada soneto, é porque pode. Não é de seu rosario.

Coelho Netto: vá se queixar ao vigario. Não recebeu S. S.ª uma *medalha*? que quer mais? Agora aguento que José Carvalho(?) prove ter plagiado-o no *Baptismo*. Bem feito.

R. P. (2ª vez) Não nos amole Sr. Ray... Que tem o Sr. que o Affonso Celso escrevendo a *Minha Filha*, fizesse-o de *mãos algemadas*? [veja-se a medalha da casa da moeda *espiritual*, dedicado ao *Affonsinho*]

Não viu por acaso vincê um *bó estranguando um berro no espaço*, (versos de um «mei-re»).

Quem sabe, sabe... o mais é escrever na areia.

O Affonso Celso só escreve bem com as mãos algemadas.

Pergunte ao *Moacyr*...

«Será *correcto*?»: muito cedo começo *vincs*. com a sua *caninga*. Não sou *palmatoria do mundo*. Si o «adeiro» chegou a *dias do Pará* (veja-se o citado «Pão») não é mal empregada a phrase: isto é, se elle aqui chegou como no Pará chegaram os dias: *nublados, chuvosos*.

Si, porem, o noticiari-ta quer designar o tempo... vá com vistas ao *Escrivão do Jury*.

«*Padaria Universal*»: Não acceptamos annuncios. Uma folha meramente litteraria illude a lã de dos leitores,

impingindo-lhes um cartapacio de annuncios. Bata a outra porta, ou faça como certa «*Padaria*» que conhecemos: annuncie suas *bróas* pelo correio; isto é, mande cartas, cartas, mais cartas....

Envie specimens de *mãe benta*, *bom bocado*, *pastel do nata*, e depois... ataque *cús-cús*.

A experiencia é bem experimentada na praça.

R. C.

ALGUMAS LINHAS SOBRE RELIGIÃO

Não queremos nos saientar mostrando alguns conhecimentos sobre esta ou aquella sciencia, o nosso fim é expor a maneira de usar mais simples que podemos obter de estudo mais ou menos proficuo da Natureza e seus phenomenos aliás harmoniosos, os quaes servem de ponto de apoio para esta succinta apreciação.

Alguns têm escripto diversos tratados sob o ponto de vista sophista, avançando que a religião está em Antagonismo com a sciencia.

De facto, essa religião que e curce a luz brilhante d'aquella e todos os phenomenos por ella descobertos não se acha no mesmo plano de um a bastante simples e elevada, onde entram como maximas as colligidas do bom senso e da Moral essa parte da sociologia que tem por fim dirigir a vontade para a pratica do bem e por conseguinte inculcar no cerebro deste ou aquelle homem a idéa de honra, caracter, dignidade, etc.

Por conseguinte, não se deve avançar a taute, dizendo que qualquer religião não se pode aproximar da sciencia, segundo uns, onde começa a religiãoahi cessa a sciencia.

Não approvamos semelhante forma de pensar porque existem religiões que não deixando de admittir as leis scientificas de nosso planet, são verdadeiras fontes de moral onde se pode beber conhecimento.

Segundo a opinião dos homens habilitados, não ha uma religião sem o principio de philosophia logo não deixa de existir em seu conjunto um *que* de scientifico porque a philosophia é uma sciencia e bastante vasta no campo do sophisma.

Quem segue uma religião bastante philosophica e adiantada, quem não concorda em a representação de um deus por simples figuras materiaes porque esse mesmo deus sendo uma concepção abstracta, segundo uns e segundo outros, o mais simples possível dos motor sphenomenaes da imensa Natureza; não pode achar justo que se o represente com esta ou aquella forma, pois para os que admittem como ser immaterial, elle é somente uma concepção abstracta e não lhe sendo conhecida a forma por ser um ente ideal, a representação do mesmo pela materia é—b surda—logo sem razão de ser.

Os que consideram Deus sendo a propria Natureza, a representação do mesmo pelas figuras, não serve

porque não necessitam das mesmas para formar um culto, pois basta fe-tarem o horizonte, a luz diaphana de algumas estrellas, a branquea massa das nebulozas irreductiveis, as harmonias celestes, o movimento dos astros para acharem a imagem natural de um Deus o Universo com sua myriade de mundos!...

Seguimos uma seita onde somente se conidera Deus, o motor de todos os phenomenos do Globo e sendo esse uma tão forte concepção, não se lhe pode dar a forma de um homem. impotente para operar semelhantes phenomenos, para fazer com que um eclipse deixe de se realizar, e sim uma força superior creadora de todas as mais simples, existente no proprio seio da natureza!

Alguns philosophos estudando as relações que existem entre todos os phenomenos da Natureza, as harmonias e combinações mutuas tiveram a conclusão de que a idéa de um deus originase do est. do contemplativo da Natureza. Logo Deus existe e é a coisa mais perfeita e simples que se pode considerar, e como no seio do Universo, os phenomenos obedecem ás mais simples leis, conclue se de que elle é esta força impulsadora de todos os movimentos de todos os seres organicos e inorganicos.

Cará 25 de Março de 1895

Alcibiades Mattos Guerra

Continúa

Livros e Jornaes

JORNAES

Foi de vasante a nossa ultima quinzena.

Além da costumeira visita de jornaes que a pragmatica manda apenas registrar, tivemos: o 5.º n. da «*Revista Contemporanea*», do Recife; um n.º cheio, na accepção vulgar, variado, selecto e desopilante. Leitura para todos os paladares.

«*Rio—Revista*»: originalissimo periodico litterario, que acaba de surgir na Capital Federal, dirigido (por quem? não sabemos) mas cuidadosamente, artisticamente, ornado com as producções contrattadas de B. Lopes, Figueiredo Pimentel, Cruz e Souza, Gonzaga Duque-Estrada, etc, etc.

Originalissimo, accrescentamos: a «*Rio-Revista*», além do relevo finamente nephelibata—um mixto de Boudelaire, Rolinat e Leconte de Lisle—traz uma das mais suggestivas manifestações da arte—o desenho applicado ao humorismo.

Isaltino, Arthur Lucas, Julião Machado, Manoel Gaspar, emulação de Agostini, apparecem transmitindo pela chylographia a fina con-

cepção que pela penna offereção Joaquim Serra e França Junior.

Antevendo o appetite do leitor, aguçadamente, a encher-lhe a boca d'agua, judicamos-lhe a rua de Santo Antonio, n. 7, atelier do sr. Manoel Gaspar, na Capital Federal, para os devidos fins.

Ao collega, como a prova mais eloquente de agradecimento, pedimos que tome por obrigação mandar-nos pontualmente a «Rio-Revista».

LIVROS

Temos a accuzar o recebimento do «Nevoeiros», de J. Eustachio de Azevedo, opusculo in 8', com 130 paginas, bibliotheca da «Mina Literaria», 1895. Trata-se de uma obra poetica, sobre a qual, sem exagero de escrupulo, quasi que somos suspeitos para emittir juizo, tal é o contacto espirital que mantemos com o seu auctor—um nosso consocio.

«O critico, diz o sr. Ovidio Filho, na carta—prefacio, dirigida ao auctor do «Nevoeiros», deve ser antes de tudo como um sacerdote de Themis». Por outro prisma encher-ga o critico, o Sr. Fialho de Almeida: um verdadeiro gato, que tenha meiguices, desconfiança, arranhe, pule, salte, agache-se e pregue uma peça de carinhos ao rato, quando tenha-o nas malhas ideias de sua Mestreza. Esta definição é uma traducção livre do que escreveu o auctor das «Pasquinadas».

Nem gato, nem juiz; mas como «dilettante», é que traço estas linhas.

A poesia, doçahida ou agonisante (se é que o coração humano pela força destruidora da positividade a que nos conduz a evolução, tende a perder a corda mais doce de todas as manifestações da sensibilidade) é a mais exigente das coquettes d'este fim de seculo. Quer roupagens diaphanas e inconsuteis; originalidade nas cores; essencias de Sabá para o toucado; e depois de tantas exigencias, ser embalada n'um palanque de setim, a ouvir a «berceuse» carinhosa de sonhadores que levem esta vida n'uma eterna vaporisação de chimeras.

E' uma nevrotica, e nada mais; chamem a seus caprichos decadismo, nephelibatismo, satanismo, o diabo em fim. E' simplesmente uma mulher exigente, que os seus idolatras, por cumulo de affecto, acham em adiantado grau de morbidez.

Os privilegiados (rarissimos) é que n'um requinte de meignice fazem-n'a rir.

Dada esta explicação, são obvios os corollarios: em nosso paiz ha pouco quem verdadeiramente seja poeta, ou antes quem cultive a poesia com o melindroso cuidado chinês que exigem as cousas delicadas.

J. Eustachio não é um artista do verso, é, entretanto um poeta de coração.

O seu livro está eivado de hiatos, dissonancias rhythmicas, versos frouxos, e até... de pés quebrados:

«Deixa que unidos preludiem gorgeios»

Alem disto, tem certas extravagancias de concepção:

«NO BAILE»

«Nossas boccas uniram-se animadas,
Nossas almas tombaram em brigadas
N'um duetto de beijos venturosos!»

Ora, semelhante escandalo occorrerá em um baile?

Vê-se que incorre involuntariamente em descuidos graves.

Abstrahidos esses cochilos, o livrinho de Eustachio é uma tela representando paysagens bem concebidas, porem sobre um esbatido pouco cuidadoso e grosseiro. Entretanto não é para desanimar; o auctor tem dous grandes requisitos: talento e dedicação ás letras.

Penhorados pela offerta.

C. R.

QUADRAS EPHEMERAS

A' QUEM ME ESQUECE

Maguas, não ha no mundo
Mais profundas que as maguas que me deste,
E eu não maldigo o meu soffrer profundo,
O meu soffrer agreste.

Penso e tristonho scismo
Nesta angustia que sinto e que não sentes;
Nos separa um abysmo,
Como a sorte nos fez tão differentes!

Se calcular soubesses
Como é tristonha a noite da saudade,
Talvez—assim avaliar podesses
Quanta tristeza o espirito me invade..

Quero de ti destante
Esquecer-te tambem, como me esqueces,
Mas te vejo, queri-la, a cada instante,
Como se junto a mim sempre estivesses.

Nesta tristeza austera
Quero fugir te, em vão terço deixar-te.
Anjo, que tens o coração de fera
Fujo de ti e vivo a procurar-te.

No goso da saudade
Exterminar esta paixão quizera.
Tu que és mulher, pondéra
Que funda magua o coração me invade...

E eu digo ao coração,
Jura esquecer-a calmo e resolutu;
A magoa é uma illusão
Basta de prantos coração polluto

JULIO OLYMPIO

RETROSPECTO

Lembro-me tanto, e como e' doce a gente,
Triste volver, pelo passado em fora,
A vista e, encher das illusões de outr'ora,
Terno e saudoso o coração e a mente.

E quanto mais enternecida e ar lente
A vista alcança, mais noss'alma chora,
Porque mais vivo te nos é presente
Todo esse tempo do passado agora.

Cada lembrança que noss'alma afaga,
E' como a nota harmoniosa e vaga,
D'uma longinqua musica dolente.

E como um sonho, um sonho casto e doce,
Perfeito como se presente fosse,
Todo o passado faz-se então presente !

JOAQUIM OLYMPIO

ATREVIDA

AO ALCIDES MENDES

Fita-me assim, assim... mais atrevida.
Traspassa-me co'a lamina candente
De teu olhar, que eu sinta, eternamente
Sangrar por tua causa esta ferida.

Deixa que ao teu olhar, entontecida,
N'um espasmo de gozo, mollemente
Minh'alma se confranja, qual serpente,
Preguiçosa, subtil e enlanguecida.

Depois, farás de mim o que quizeres
Matar-me-ás depois, si mal me queres
E eu morrerei de amor e de alegria.

Digam que sou cobarde. O que me inporta
Si eu vivo desta dor que me conforta,
Si eu morro por amor desta agonia ?!

ANTONIO IVO

DOS «NIMBUS»

Quando de argenteas lagrymas um fio
Tremulamente em tua face desce,
No meu rosto de subito apparece
A mesma dôr que no teu rosto espio.

Scinde-me o peito ; ao coração doentio
Vem essa magua que em teu seio cresce,
E, porque minha seja, alada prece
Em tremitos de amor aos ceos envio.

Prestes faz-se em minh'alma o teu desgosto
E um lenço, prestes, de meus beijos faço
Para enxugar-te as lagrymas do rosto.

Sorvo-te o pranto em troca de um sorriso,
E ao ver-te rir estendo-te meu braço
Em teus braços buscando o paraíso !

OCTACILIO DE OLIVEIRA

Breves noções de dynmica Social

O muito eminente philosopho, fundador da escola positivista, tratando da classificação das sciencias, diz que, para explicar seu pensamento, no estudo da philosophia positiva, considerando os resultados da actividade de nossas faculdades, deve apresentar uma concepção philosophica de summa importancia exposta por M. d. Blanville, na bella introdução de seus «Principios geraes de anatomia comparada», I, e que todo ser activo e especialmente todo ser vivente, pode ser estudado de baixo de dous pontos de vista fundamentais ; estatico e dynmico ; isto é, como capaz de agir e agindo effectivamente.

Que considerando as funções intellectuaes sob o ponto de vista dynmico, tudo se reduz ao estudo da marcha effectiva do espirito humano em exercicio.

Devemos observar aqui que inspirado pelo mesmo philosopho, tal estudo deve ser exposto dogmatica, historica e philosophicamente ; isto é, exposição de suas leis e principios, narração dos factos e apreciação delles. Muitas vezes tem sido dito pelas maiores e mais robustas mentalidades, que as leis que regem o mundo phisico são as que regem o moral ; entre essas cabeças gigantes, figura o glorioso Büchner, o immortal autor da grandiosa obra «Força e materia».

JOSE' AUGUSTO.

(Continúa)

No album d'uma menina

No Eden, refere o Genesis,
reinara fundo tristor
até que Deus, n'um sorriso,
fez surgir no Paraizo
a mulher—aurora e flor

do viver da Humanidade.
O homem, desperto então,
sentiu fugir-lhe a tristeza
e alongar-se a Natureza
nas azas d'uma canção.

Eis como o amor—este incanto—
tornou-se a musa mais bella
do doce poema edeneo
—luz que fascinou ao genio,
—aurora em meio á procella.

Mas foi por manhãs divinas
que fez-se eterna a esperanza
no Eden. Foi quando Deus,
traçando a Biblia dos ceos,
em luz escreveu : «creança !»

J. DE SERPA.